

LÍNGUA E IDENTIDADE: O PERTENCIMENTO À COMUNIDADE E A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM ADOLESCENTES DESCENDENTES DE ITALIANOS

Marizete Bortolanza Spessatto¹

Resumo: As marcas da colonização italiana estão presentes de forma intensa no cotidiano da população do oeste de Santa Catarina-Brasil. Na perspectiva linguística, um dos traços que mais evidenciam a interferência dos dialetos italianos falados pelos descendentes residentes nessa região é a não-produção da vibrante múltipla em contextos esperados pelo padrão fonológico do português brasileiro (levando à produção de *caro* em contextos de *carro*). O presente artigo discute as variáveis sociais que fazem com que essa variação, mesmo enfrentando preconceito por diferenciar-se da norma de prestígio, mantenha-se em um grupo de falantes jovens, estudantes dos dois anos finais do ensino fundamental. A hipótese é a de que o sentimento de *pertencimento* comunitário faz com que os adolescentes mantenham-se fiéis à variação que caracteriza o seu grupo étnico. O estudo seguiu critérios metodológicos da pesquisa sociolinguística (Labov, 1962) e foram tomados como referência os conceitos de identidade e comunidade desenvolvidos por Bauman (2003 e 2005).

Palavras-chave: língua, identidade, comunidade.

LANGUAGE AND IDENTITY: THE FEELING OF BELONGING TO A COMMUNITY AND THE LINGUISTIC VARIATION IN ITALIAN DESCENDANT ADOLESCENTS

Abstract: The marks of Italian colonization are intensively present in the everyday life of the population of the West of Santa Catarina. In the linguistic perspective, one of the traces that evidence the interference of Italian dialects spoken by the descendants that live in this region is the not production of the multiple vibrant in expected contexts considering the Brazilian Portuguese phonological pattern (leading to the production of *caro* in contexts of *carro*). This article discusses the social variables that make that this variation, even facing prejudice for being different in relation to the pattern language, continues to be spoken by young speakers of the two last years of primary school. The hypothesis is that the feeling of community belonging makes that the group keeps loyalty to the variation which characterizes their ethnical group. The study followed methodological criteria of sociolinguistic research (Labov, 1962) and the concepts of identity and community were taken from Bauman (2003 e 2005).

Keywords: language, identity, community.

¹ Datos de la autora al final del artículo.

LENGUA E IDENTIDAD: EL SENTIMIENTO DE PERTENENCIA A LA COMUNIDAD Y LA VARIACIÓN LINGÜÍSTICA EN ADOLESCENTES DESCENDIENTES DE ITALIANOS

Resumen: Las marcas de la colonización italiana están presentes de forma intensa en el día a día de la población del oeste de Santa Catarina-Brasil. En la perspectiva lingüística, una de las características que más evidencia la interferencia de los dialectos italianos hablados por los descendientes residentes en esa región es la no producción de la vibrante múltiple en los contextos esperados en el patrón fonológico del portugués brasileño (llevando a la producción de *caro* en contextos de *carro*). El presente artículo describe las variables sociales que hacen que esta variación, incluso frente a los prejuicios por ser diferentes en relación con los patrones del lenguaje, se mantenga en un grupo de hablantes jóvenes, estudiantes de los dos años finales de la enseñanza fundamental. La hipótesis es la de que el sentimiento de pertenencia a la comunidad hace que los adolescentes se mantengan fieles a la variación que caracteriza su grupo étnico. El estudio siguió criterios metodológicos de la investigación sociolingüística (Labov, 1962) y fueron tomados como referencia los conceptos de identidad y comunidad desarrollados por Bauman (2003 e 2005).

Palabras clave: lengua, identidad, comunidad.

Introdução

*As identidades flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha,
mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta,
e é preciso estar em alerta constante para defender
as primeiras em relação às últimas.* (Bauman, 2005, p. 19)

No meio da manhã, a turma de alunos deixa a sala de aula. Eles se reúnem e preparam a apresentação antecipada de uma peça de teatro. É a segunda sobre a temática etnicidade italiana escrita, produzida e encenada pelos integrantes da sétima série de uma escola da Rede Pública Estadual de uma comunidade de descendentes de italianos, localizada na região oeste do Estado de Santa Catarina. A socialização desta foi antecipada para que a apresentação pudesse ser assistida pela pesquisadora que desde o início do ano letivo de 2008 frequentava a escola para acompanhar o grupo de estudantes, em diferentes dias da semana. A ela é entregue uma cópia do texto escrito à mão e cheio de rasuras (uma espécie de roteiro, já que as falas de narrador e atores seguem a mesma sequência nele descritas).

Na leitura feita às pressas, enquanto o grupo se prepara para a apresentação, vamos reconhecendo na escrita a presença de um fenômeno de variação linguística observado na oralidade e que constitui o nosso objeto de pesquisa. Já no título, aparece

transposta para a escrita a dificuldade comum na oralidade dos descendentes de italianos residentes em um município do oeste catarinense na produção da vibrante múltipla /R/, empregando tepe na maioria dos contextos no qual uma vibrante é esperada. Considerando essa dificuldade no emprego dos fonemas, se para dizer “carro”, o grupo produz “caro”, o mesmo aparece no registro escrito do título da peça: “*Italian II: a corrupção*”.

Enquanto fazemos a leitura silenciosa do roteiro, turmas de alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental são convidadas a se acomodarem em cadeiras trazidas para a área que fica no centro do prédio, ao redor da qual se dispõem as salas de aula. Pela falta de microfones, é preciso muito silêncio para escutar a história que fala da cobiça de “um certo senhor” (os estudantes não dão nome a nenhuma personagem) que “veio ao Brasil em busca de um lote de terra” (palavra produzida como *tera*, na apresentação da peça). Rapidamente o agricultor torna-se proprietário de uma indústria de vinho, explorando os funcionários, aos quais deixa de pagar os salários. No andar da história, o agricultor vira contrabandista de produtos do Paraguai e, em seguida, vai parar no banco dos réus, condenado a “30 anos de prisão, sem fiança”. Diante da sentença, um dos ex-funcionários volta-se para o acusado e diz:

- Viu o que dá ser *corupto* e tentar subordinar os outros? (e o narrador conclui:) - Assim a colônia foi protegida e principalmente sem *corupção* (O trecho foi aqui transcrito do modo como está grafado no texto/roteiro).

Em outra peça apresentada pela turma com a mesma temática (em maio de 2008), o grupo contava a história da vinda dos primeiros imigrantes italianos para a comunidade onde vivem. A peça, contada em italiano (escrita em português e traduzida para o dialeto vênето pelo avô de um dos estudantes) foi uma mostra de saudosismo pela história de luta, sofrimento e trabalho que levou à constituição da comunidade e que comumente aparece nos discursos públicos, em festas comemorativas ao aniversário da cidade etc.

Na segunda peça, acima descrita, mais uma vez, embora com menos ênfase, a história da comunidade é ressignificada pelos estudantes, trazendo à tona o sentimento de responsabilidade e preocupação para com o que nela acontece, descrita como comum nos discursos que tratam da história da comunidade: “assim a colônia foi protegida e principalmente sem *corupção*”.

Enquanto observamos o desenvolver da apresentação, uma questão vai tomando proporções ainda maiores do que tinha no início da pesquisa junto ao grupo (fevereiro de 2008): pode esse sentimento de “dever com a comunidade”, de pertencimento a ela ajudar na preservação de características linguísticas que a constituem e que são socialmente desprestigiadas? Qual a intensidade desse sentimento que se sobrepõe, inclusive, à formalidade da escola, visto que a peça foi apresentada para estudantes, professores e equipe de direção? E mais, o texto escrito preserva as características

linguísticas do grupo étnico, transgredindo as regras da escrita, modalidade na qual o rigor em relação às normas costuma ser ainda maior.

À primeira vista, o compartilhamento dos sentimentos é tamanho entre o grupo, que a manutenção da variante linguística que o constitui torna-se uma espécie de pacto, de modo que não há nenhum tipo de manifestação contrária às produções de tepe em contextos de vibrante múltipla, em nossos registros de dois anos de assistência às aulas. A afirmação da existência de um “pacto” pode parecer leviana quando feita assim, antes mesmo de aprofundarmos a discussão e análise dos dados, mas leva em consideração outras pesquisa feitas em grupos com as mesmas características étnicas, embora, à época, os dados não tenham sido analisados com o mesmo aporte teórico e com o “olhar” que este possibilita agora, na análise do caso em questão.

Método

Este artigo é um recorte de uma pesquisa de cunho etnográfico, realizada para a tese de Doutorado em Educação (UFSC, 2007-2011). Deixando de lado o foco de nossa pesquisa, a relação entre escola e variação linguística, deixamo-nos levar pelo desejo de entender um pouco mais o quanto esses laços com a comunidade intervêm na preservação das características linguísticas do grupo. Tomamos como base para esta análise os conceitos de identidade e comunidade discutidos por Bauman (2003 e 2005) e a relação entre as relações estabelecidas entre língua e identidade, especialmente nas obras de Signorini (1998), Orlandi (2002) e Coracini (2003).

Para a coleta dos dados, aplicamos um questionário aos 20 alunos que constituem a turma, interrogando-os a respeito do que pensam sobre a comunidade onde vivem, sobre como ela está estruturada e sobre o desejo de nela permanecer/ou não, ao longo de suas vidas. Acreditamos que, com esses dados em mãos, será possível discorrer com mais propriedade sobre o papel da comunidade diante da preservação de características linguísticas socialmente estigmatizadas, como é o caso da variante em estudo, originada da interferência dos dialetos italianos do Norte da Itália na fala em português dos imigrantes e descendentes que vieram residir no Sul do Brasil.

O questionário foi aplicado em julho de 2008, em sala de aula na escola selecionada como campo da pesquisa, e constituiu-se como o primeiro instrumento de coleta de dados sobre o perfil social e cultural dos estudantes. O instrumento foi dividido em três partes. Na primeira, os estudantes indicaram o local de moradia (área rural ou urbana e nome da comunidade/bairro), o tempo em que estudam na escola e a escolarização dos pais. Na segunda parte, listaram o acesso a veículos de comunicação social e tecnológicos e, na terceira, fizeram uma avaliação da comunidade onde vivem e sobre o desejo ou não de nela permanecer após entrar na vida adulta. Antes de apresentarmos os resultados, vamos tratar brevemente da história de constituição do fenômeno de variação linguística em estudo.

Resultados: a variação linguística que caracteriza a fala dos descendentes de italianos

Usa-se muito comumente a generalização de que os italianos imigrados para o Brasil trouxeram para cá a língua italiana. Na verdade, junto com a leva de imigrantes que optaram por tentar uma nova vida em terras distantes vieram diferentes dialetos italianos falados, à época da imigração, no Norte da Itália. Em estudo desenvolvido em 1975, Frosi e Mioranza traçam um mapa com os índices da representatividade da proveniência regional dos imigrantes italianos para o Rio Grande do Sul e que também caracteriza os dialetos falados por eles: vênéticos, 54%; lombardos, 33%; trentinos, 7%; friulanos, 4,5%, outros, 1,5% (Frosi e Mioranza, 1975b, p. 35 *apud* Frosi e Mioranza, 1983, p. 110).

Desses grupos, foi o dialeto vênето que se sobrepôs aos demais, especialmente pelo fato de ser falado pela maioria dos imigrantes. Frosi (1987) aponta para os fatores extralinguísticos que influenciaram sobre os vários dialetos italianos, na conservação deles e, ainda, no favorecimento da difusão do vênето sobre os outros:

- a) sistema de divisão da área geográfica destinada aos italianos, divisão dos lotes coloniais, abertura das primeiras estradas e formação dos primeiros núcleos de colonização;
- b) construção de estradas vicinais;
- c) prevalência absoluta dos imigrantes italianos e seus descendentes que viviam no mesmo agrupamento e nos pontos de encontro deles (a presença dos outros dois dialetos (friolano e treviso) foi mais rara nos primeiros dez anos da colonização;
- d) casamento entre pessoas que falavam o mesmo dialeto italiano ou dialetos diferentes segundo a origem provincial ou regional;
- e) vias de comunicação precárias e outras condições sociais e econômicas que mantinham as famílias em isolamento em relação às outras regiões do Estado;
- f) maior contingente de vênето em relação aos outros dialetos;
- g) maior presença do contingente vênето na indústria e no comércio;
- h) função religiosa, socioeconômica e cultural das igrejas. (Frosi, 1987, p 219).

A presença da mistura entre o italiano e o português, na fala espontânea, sem um “cuidado especial”, foi identificada por Franceschi-Cammelli (1977, p. 9, *apud* Cortelazzo, 1987, 209). Daniela Perco (1983) também identificou essa interferência do português nas falas do dialeto, mesmo em contextos em que se manifesta a reação dos italianos ao controle exercido pelo estado brasileiro sobre o uso de línguas estrangeiras no sul do Brasil: *E lu [el prefêito] i è la veder se mi parléa talián, pârche cada parola che se parléa talián i volea che se pagasse diése conti* (Perco, 1983, p. 380, *apud*

Cortelazzo, 1987, p. 209). [E ele, o prefeito, ficava observando se eu falava italiano, porque a cada palavra que se falava ele queria que se pagasse dez contos].

Frosi (1987) aponta ainda para o fato de que fatores extralinguísticos também interferiram para que, progressivamente, o dialeto vêneto fosse perdendo espaço para a língua portuguesa falada. O fator principal foi a força repressiva do governo brasileiro, que proibiu a comunicação nos dialetos italianos dos imigrantes e seus descendentes durante o período da Campanha de Nacionalização do Governo Vargas e na época da Segunda Guerra Mundial. Em seguida, outro fator que contribuiu foi a abertura de novas e melhores vias de comunicação que ligaram a região ao Estado e ao restante do país, além do contato com falantes do português (entre eles descendentes de africanos) da região dos pampas.

O maior prestígio do português como língua oficial, ensinada na escola, usada nos meios de comunicação social (principalmente a partir da chegada da eletrificação rural à área, possibilitando a entrada dos primeiros aparelhos de rádio e televisão) e usada pela maioria da população, provocou mudanças em relação aos dialetos italianos. Estes fatores levaram ao desprezo da fala em dialetos italianos, vista como uma linguagem desprestigiada, relacionando a língua/ dialeto ao fato de os descendentes serem *contadini* (expressão que remete à expectativa dos imigrantes ao chegarem ao Brasil: melhorar de vida. Outra expressão ajuda a entender esta: dizia-se que os imigrantes buscavam a *cucagna*, ou seja, a *fortuna*). (Frosi, 1987, p. 219-220).

Os fatores extralinguísticos foram levando os descendentes a se afastarem dos dialetos de origem, principalmente pelos significados pejorativos atribuídos ao falar no dialeto:

Saper esprimersi in portoghese significò (e ancora significa) cessare de essere *asino*, conquistare un migliore livello sociale attenuando anche le caratteristiche del colono. ... Tuttavia , la parlata di portoghese che l'italo-brasiliano ha trasmesso ai suoi figli è stata una parlata impregnata da tracce dei dialetti italiani, alcune degli quali rimangono ancora oggi nella lingua della grande maggioranza dei discendenti di italiani, tanto della seconda, quanto della terza generazione nata in Brasile. (Frosi, 1987, p. 222). [Saber manifestar-se em português significava (e ainda significa) deixar de ser considerado *burro*, conquistar um nível social melhor, atenuando também as características de colono. ... Todavia, o falar em português que os ítalo-brasileiros transmitiram aos seus filhos foi um falar impregnado de traços dos dialetos italianos, alguns dos quais permanecem até hoje na língua da grande maioria dos descendentes de italianos, tanto da segunda quanto da terceira geração nascida no Brasil].

Em relação às interferências fônicas, Frosi e Mioranza (1983) apontam: “As mais expressivas interferências fônicas na fala dos ítalo-brasileiros representados na amostra correspondem aos pontos de contraste entre os fonemas dos dois sistemas lingüísticos”. Lado (1972, p. 29 *apud* Frosi e Mioranza, 1983, p. 333) afirma, ainda:

... quando a língua estrangeira usar um fonema que não existe na língua materna do aprendiz, isto é, quando não há nenhum fonema na língua nativa que possa ser transferido para a língua estrangeira e funcionar realmente como o fonema em questão, o aluno não consegue produzir esse fonema prontamente ao aprender a língua estrangeira. Irá substituí-lo por algum outro fonema do seu sotaque nativo.

Estudos desenvolvidos por Gerhard Rohlfs, na década de 1960, apontam que os dialetos do Norte da Itália não possuem a vibrante geminada. “Conformemente alle generali caratteristiche dello sviluppo fonetico settentrionale, in tutta l'Italia settentrionale *rr* subisce la degeminazione in *r* (*tèra*, *guèra*, venez. *torè*)” (Rohfs, 1966, p. 336, *apud* Frosi e Mioranza, 1983, p. 347). [Conforme as características gerais do desenvolvimento fonético setentrional, em toda a Itália setentrional *rr* sofre a lenização em *r* (*tèra*, *guèra*)].

Em um estudo sobre os dialetos vênéticos, Alberto Zamboni diz que, no que diz respeito a /r/, tem-se, em geral, uma vibrante simples apicodental, enquanto o *standart* possui uma vibrante múltipla (Zamboni, 1974, p. 14 *apud* Frosi e Mioranza, 1983, p. 347). Frosi e Mioranza apontam, ainda, para uma produção intermediária, criada pelos italianos residentes no Brasil, em função da exposição do grupo a uma produção a qual não estavam habituados:

A inexistência da vibrante múltipla como fonema do dialeto e, por outro lado, a existência da mesma no sistema fonológico da língua portuguesa, estabelecendo oposição distintiva com a vibrante simples, acarreta, do ponto de vista fonêmico, o uso inadequado das duas vibrantes nos empréstimos do português. Tomando-se os empréstimos garrafa e cerração, observa-se que a vibrante múltipla foi sistematicamente substituída, quer pela vibrante simples, quer pela vibrante que se caracteriza como um tipo intermediário entre a múltipla e a simples (Frosi e Mioranza, 1983, p. 347).

Os autores apontam ainda que a vibrante múltipla inexistente como fonema, no dialeto italiano, mas é, às vezes, realizada pelo falante (muitas das quais em contextos em que se espera, pelo padrão fonológico culto da LP a realização da vibrante simples) o que mostra, e em uma das perspectivas apresentadas pelos autores e que é a defendida neste estudo, que o falante não possui o domínio desejado do fonema e o aplica de forma aleatória, sempre que se deparar com palavra que exija o uso da vibrante, levando ao que os autores chamam de “processo de neutralização entre as duas vibrantes do sistema lingüístico português; suspende-se a oposição distintiva entre os dois fonemas e a unidade que aparece é, ou o termo da oposição menos complexo, a vibrante simples, ou um elemento intermediário, conforme o locutor (Frosi e Mioranza, 1983, p. 349).

O que me faz gostar de viver aqui?

Os estudantes que constituem o *corpus* de nossa pesquisa têm como característica linguística serem detentores dessa variante na qual a distinção tepe/vibrante múltipla praticamente inexistente. Eles vivem em uma das maiores cidades da região oeste catarinense, que tem cerca de 160 mil habitantes. A cidade cresceu de forma acelerada a partir da década de 1970, com a expansão agroindustrial que atraiu habitantes de cidades vizinhas, das áreas rurais do próprio município, e alarmou os governantes das décadas seguintes, especialmente pelo forte êxodo rural que se sucedeu. A economia do município, hoje, é sustentada pelas grandes agroindústrias, pequenas indústrias ligadas ao setor agroindustrial e pela prestação de serviços em diferentes áreas.

A cidade, levada à condição de município em 1917, teve no início do século XX a sua mais importante interferência. Foi o período da chegada dos imigrantes gaúchos que para cá vieram em busca de novas expectativas de vida. A constituição geográfica talvez os tenha atraído, já que não difere em muito das áreas gaúchas em que habitavam e das cidades do norte italiano, de onde os antecessores vieram.

Comprova-se essa interferência do grupo de migrantes na constituição histórica da cidade no seu principal símbolo público: a imagem de um sujeito forte, chapéu na cabeça e machado na mão, denominado de “desbravador”. O monumento foi inaugurado em 25 de agosto de 1981, com o objetivo de homenagear os primeiros “desbravadores” que colonizaram e construíram o município. Criado pelo artista plástico Paulo de Siqueira, mostra a figura de um gaúcho empunhando um machado, simbolizando o trabalho. Na mão esquerda há um louro, símbolo da conquista e da vitória. O monumento tem 14 metros de altura, 5,70 metros de largura e pesa nove toneladas.

O monumento ocupa espaço central na cidade e ao redor dele cresce a cada dia um contingente de casas, prédios e estabelecimentos comerciais. São bairros luxuosos e, por outro lado, bairros populares que vão se estendendo ao longo de avenidas e vias de acesso, aproximando a cidade das comunidades do interior, marcando a redução das fronteiras entre o rural e o urbano, até mesmo nas escolas. Mais do que na perspectiva de limites geográficos, utilizamos o termo “fronteira” para assinalar as diferenças de modos de vida e culturais que caracterizam o rural e o urbano. O rural, na região, é marcado pela presença da agricultura familiar. Há também um forte estereótipo em relação ao rural, que leva ao emprego do termo “colono” de forma pejorativa.

A escola na qual estuda o grupo de alunos situa-se em uma dessas “regiões de fronteira”. Segundo o Projeto Político Pedagógico, são atendidos estudantes vindos de dois bairros e de quatro comunidades rurais. O primeiro prédio, anterior ao atual, foi construído na década de 1930 e, além de atender à escola, servia de espaço para a realização de reuniões sociais e de igreja, mostrando, assim, esse forte vínculo do ambiente escolar com o comunitário.

Em outras regiões do município, a localidade é conhecida pela acentuada interferência da colonização italiana nos costumes, na culinária e em outras manifestações culturais. A placa de identificação afixada na principal via de acesso à comunidade traz um “*benvenuti*” para receber os visitantes. Nos usos linguísticos, a interferência da colonização italiana também é evidente, mesmo depois de quase um século da época da colonização.

Essa interferência da etnia italiana nas produções linguísticas, é bom deixar claro, não é exclusividade da comunidade na qual nos atemos para o desenvolvimento deste estudo. A cidade na qual ela está situada faz parte do Projeto VARSUL – Variação Linguística Urbana do Sul pela presença acentuada de características dos dialetos italianos na fala em português. Nós, também, em estudos anteriores (especialmente em Spessatto, 2003), analisamos a interferência dos dialetos italianos na fala em português da comunidade urbana deste município e verificamos a presença dessa interferência, marcada especialmente pela produção de tepe em contextos de vibrante múltipla. Um diferencial é o fato de que a pesquisa citada foi realizada com falantes acima de 24 anos de idade, moradores de área urbana, diferente do grupo hoje em estudo, adolescentes com idade entre 12 e 15 anos e vivendo em área urbana e rural.

Em uma pesquisa desenvolvida em 2006, tínhamos grupos de faixa etária a partir dos sete anos, moradores de área rural. Porém, uma questão mudava o perfil do grupo: o fato de viverem em uma comunidade distante do centro de uma pequena cidade da região, à qual se chega por estradas não pavimentadas. Observou-se, à época, ao longo do estudo de campo, a existência de redes sociais fechadas, ou seja, a convivência entre o grupo ocorria sem muitas interferências de sujeitos externos ao grupo: viviam, trabalhavam, estudavam e participavam de festas no mesmo grupo social.

São realidades distintas da que encontramos entre os estudantes que acompanhamos agora. Eles são jovens, vivem em comunidades rurais e bairros relativamente próximos ao centro da cidade, levando-se em conta a facilidade de locomoção. Eles também podem ser considerados “globalizados”, por terem acesso a tecnologias e mídias como o rádio, a televisão, o telefone, o celular e a internet. Embora não entremos na discussão da influência dos meios de comunicação sobre as variantes linguísticas, em função do foco deste estudo, é preciso considerar que esses meios modificam o modo de falar dos sujeitos, por representarem variantes de prestígio social.

Todos os alunos pesquisados têm em casa acesso ao rádio e à televisão, dezoito têm telefone celular, treze telefone fixo, oito possuem computador e, destes, cinco com internet. Bauman (2003) cita como um dos fatores que mais interfere na manutenção das barreiras que distinguem os grupos “comunitários” o advento da informática: “O golpe mortal da 'naturalidade' do entendimento comunitário foi desferido, porém, pelo advento da informática: a emancipação do fluxo da informação proveniente do transporte dos corpos [...] a fronteira entre 'os de dentro' e 'os de fora' não pode mais ser estabelecida e muito menos mantida”(Bauman, 2003, P.19-20).

Com esse perfil “globalizado”, julgávamos, em princípio, que encontraríamos entre o grupo bem menos interferências do dialeto em estudo, especialmente na escrita, que é uma modalidade de uso da língua mais monitorada. Diante do constatado e brevemente relatado até aqui, a inquietação vai ficando mais intensa: como as características de variação se mantêm entre o grupo que não fala os dialetos dos antepassados e que têm acesso à variante de prestígio? (Conforme indicado por eles em entrevistas gravadas para o desenvolvimento da pesquisa mas que não serão analisadas neste artigo).

O apreço à comunidade em que se vive e a variação linguística

No campo do estudo da variação fonológica, a pesquisa sociolinguística veio indicar que a distribuição das variantes (formas diferentes de dizer a mesma coisa, num mesmo contexto, sem alteração de sentido, cf. Callou e Leite, 2000, p. 98) está diretamente relacionada a fatores sociais. Um dos primeiros e mais importantes trabalhos da área foi desenvolvido por Labov em 1962. O estudo analisou o tratamento dado a duas semivogais na população da ilha de Martha's Vineyard, litoral norte-americano: a pronúncia do ditongo /ay/ em palavras como *right*, *white*, *pride*, *wine* ou *wife* e do ditongo /aw/ em palavras como *house*, *out* e *doubt*. A pesquisa mostra que o primeiro elemento desses ditongos, o /a/ tem entre os moradores da ilha a tendência de ser pronunciado mais próximo do /e/ ou seja, ser mais centralizado, diferenciando-se da pronúncia continental (Labov, 1996; Calvet, 2003).

O estudo de Labov considerou a interferência dos turistas (que ultrapassavam quarenta mil pessoas entre os meses de junho e julho) em relação aos falantes nativos (em torno de cinco mil habitantes na época da pesquisa). Mesmo com a invasão provocada pelo turismo, a taxa de desemprego entre os vineyardenses ultrapassava o dobro da média da taxa de desemprego do restante dos Estados Unidos. Desta forma, boa parte dos moradores da ilha tem como expectativa deixá-la em busca de trabalho no continente.

Diante desse fator social, Labov analisou o fenômeno da centralização e da perda desta característica linguística, a partir da expectativa dos vineyardenses. Labov dividiu os falantes em três categorias e identificou as produções linguísticas desses três diferentes grupos. Os que adotavam uma posição positiva em relação à ilha, ou seja, que pretendiam permanecer nela, mesmo enfrentando as dificuldades, mantinham a centralização nesses ditongos. Outro grupo foi classificado como neutro, caracterizando aqueles que não tinham opinião formada. Já o terceiro grupo reunia falantes como posição negativa, ou seja, que pretendiam abandonar a ilha e, em função disso, adotavam uma característica continental na produção desses ditongos.

A pesquisa de Labov nos ajuda a caminhar pela hipótese de que o sentimento de “pertencimento” em relação ao local onde vivem os sujeitos de nossa pesquisa contribui para que se sintam “seguros”, também, em relação à variante linguística que os une.

Entre o grupo pesquisado, uma resposta que nos aparece confirmar tal hipótese é a de que “gostar” de viver na comunidade na qual residem é um fator significativo para a preservação de suas características linguísticas. No questionário aplicado, pedimos para que descrevessem a comunidade onde vivem. A metade deles apontou como principal característica da comunidade ser “bem unida” e “muito amiga”, acrescentando características como “acolhedora”. Conceituando comunidade como um conjunto existente a partir de *um entendimento compartilhado natural e tácito*, Bauman (2003) assim a descreve: “[...] a comunidade é um lugar “cálido”, um lugar confortável e aconchegante. É como um teto sob o qual nos abrigamos da chuva pesada, como uma lareira diante da qual esquentamos as mãos num dia gelado (2003, p. 7-8).

Os adolescentes citam como fatores de integração das pessoas que habitam na comunidade a igreja, bailes e as festas comunitárias. Aparecem, ainda, afirmações como “nem todos são unidos”(L.T.) e “a comunidade é mais ou menos” (J.S.) e: “são unidas às vezes, quando uma precisa da outra”(A. V.). O sentimento apresentado reproduz o que Bauman cita como um dos desejos mais profundos que fazem com que queiramos pertencer a uma comunidade: “Numa comunidade podemos contar com a boa vontade dos outros. Se tropeçarmos e cairmos, os outros nos ajudarão a ficar de pé outra vez (Bauman, 2003, p. 8).

Quando questionados sobre as condições oferecidas pela comunidade para os que nela vivem, os estudantes evidenciam ver contempladas as suas expectativas. Em quinze das respostas os estudantes indicam entre as opções apresentadas pela comunidade ter esporte, lazer, saúde; três reclamam pelas poucas opções de lazer para os jovens e duas delas dizem haver poucas opções para atividades esportivas. Um dos estudantes chega a ser eufórico na resposta: “é uma comunidade muito boa, todo mundo se ajuda e é bem legal de *morrar* na C.....(cita nome da comunidade)” (M.F.V.) Uma resposta enfática, marcada por um fenômeno que, no campo dos estudos linguísticos, indica a preocupação dos sujeitos em acessar uma norma prestigiada: a hipercorreção..

Levando em consideração o estudo desenvolvido por Labov (1962, descrito anteriormente), perguntamos aos estudantes se eles pretendem viver na comunidade quando forem adultos. Dos 20 alunos, 12 disseram que querem continuar vivendo na comunidade quando crescerem. Entre as razões, aparecem desde o fato de ter passado “toda a vida” no lugar: “Quero continuar na comunidade ajudando, trabalhando e participando porque lá eu nasci, vivi e cresci”(J. C. V.); “Essa comunidade é onde eu morei e lá eu *vou* morar, porque é um lugar calmo, não há muita violência e nem roubo”(L. V.) As afirmações indicam, entre os estudantes, uma conceituação inconsciente de pertencerem a uma comunidade onde se pode sentir, segundo Bauman, que: “Lá fora, na rua, toda a sorte de perigos está à espreita ... Aqui, na comunidade, podemos relaxar, estamos seguros, não há perigos ocultos nem cantos escuros (com certeza, dificilmente um 'canto', aqui, é 'escuro’”. (Bauman, 2003, p. 7-8)

Esse sentimento de segurança na comunidade aparece em outros depoimentos,

também: “vou morar lá porque é um sossego e não tem muitas coisas de ruim, não vem gente estranha etc”. (A. B.) E se repete, sob outra perspectiva: “Sim (continuar morando) porque tem amigos unidos...”. Alguns são ainda mais enfáticos: “Eu vou continuar *morando* na minha comunidade, porque eu amo a minha comunidade” (M. F. V.). A esse sentimento juntam-se depoimentos que expressam o modo de pensar historicamente relacionado ao grupo étnico em análise (lembremo-nos do “desbravador” que simboliza a cidade): “Sim (continuar morando) para que a comunidade continue crescendo e vire uma das principais comunidades de C. (cita o nome do município)” (J. A. M.); “Eu quero ajudar a comunidade para ela cada vez crescer mais” (E. P.M.).

Assim como ocorre no estudo desenvolvido por Labov (1992), também há, em nosso estudo, o grupo que não definiu se continuará ou não vivendo na comunidade. São cinco alunos que se colocam nessa condição. Entre as razões apresentadas aparecem desde “não sei”(J. F.; S. C.), “talvez eu mude por causa do trabalho ou dos estudos que pretendo fazer” (J. S.); “Acho que vou morar na cidade porque fica perto para *mim* fazer faculdade e trabalhar”; “viver no bairro pode ser, mas trabalhar em outro lugar” (L. J. D.). Aparece, ainda, a transposição da responsabilidade de escolha para a família: “Eu não sei ainda porque meu pai vai dizer onde é melhor” (E. G.)”.

Três estudantes indicaram o desejo de deixar a comunidade. Estudar, trabalhar e ascender socialmente aparecem entre as razões do desejo de mudança: “[...] vou morar na cidade onde fique perto para *mim* fazer faculdade e trabalhar”(L. T); “Eu acho que quando eu crescer eu não vou morar na C. (nome da localidade) porque eu tenho que estudar e ser alguém na vida”. (J. A. M.). É importante destacar que a resposta veio de um adolescente que integra a turma há apenas dois meses. Veio de um bairro da cidade para viver em uma propriedade rural adquirida pela família na comunidade. O “ser alguém na vida” parece não ser compatível com a vida em ambiente rural.

Outra resposta ao desejo de deixar a comunidade aparece na voz de uma adolescente. Com quinze anos, filha de pais agricultores e que têm o ensino fundamental incompleto, ela afirma: “Pretendo viver em outros lugares para conhecer a região, as maravilhas, as tristezas e outros. Trabalhar em outro lugar, em vários ramos para *mim* conhecer o mundo em que vivemos, se é o (que) parece” (D. L.). O que o mundo parece? Que situações levam uma adolescente que vive na área rural a querer descobrir o que, realmente, é “o mundo”? Entre os componentes eletrônicos que ela indica possuir, em casa, estão o rádio, a televisão e o telefone celular. Será que a interação com o mundo da mídia leva-a a sentir-se atraída a conhecer novos “mundos”?

Língua e (é) identidade (?)

Ao falarem da comunidade onde vivem e sobre as condições que ela apresenta, os estudantes também deixaram transparecer a presença de variação linguística que caracteriza o grupo. Essas manifestações aparecem tanto no texto do teatro apresentado, e analisado na abertura deste artigo, quando nas respostas dadas ao questionário com a

temática comunidade.

As realizações que não condizem com, nesse caso, a grafia da língua portuguesa podem ser classificadas de duas formas: a presença de um “r” em contexto de dois e a presença de dois “erres” em contexto de um.

No primeiro caso, julgamos que a grafia reproduz o fenômeno de variação que analisamos, característico do município onde a comunidade em estudo está situada. Em quatro respostas ao questionário, a palavra “bairro” aparece grafada como “bairo”:

- [moro] Na comunidade Trevo, *bairo* Trevo (A.B.)
- Teve bastante gente que já se alojara antes, os meus avós, onde descobriram o *bairo* onde eu vivo... (A. B.);
- No *bairo* onde eu moro é muito bacana, mas as pessoas não são unidas (E. C.M.);
- [Moro] *Bairo* Belvedere (C.C.).

Os registros encontrados e apresentados acima nos fazem reforçar a hipótese de que o sentimento de “segurança na comunidade” faz com que os mesmos não se sintam pressionados de forma intensa para migrarem para a variante cobrada socialmente. Fazemos a afirmação considerando o fato de que os dados indicam que, socialmente, na cidade na qual os dados foram coletados, tem-se encontrado, inclusive em textos da mídia, manifestações de preconceito a essa variante e aos seus usuários. É o conhecimento desse estigma social que nos faz, ao longo deste trabalho, usar expressões como “língua de prestígio x variante estigmatizada”, referindo-nos ao caso em análise. Sabemos que, no Norte da Itália, de onde vieram os dialetos que constituem o grupo, essa variação fonológica não enfrenta preconceito, mas consideramos o caso brasileiro, apenas, neste momento da pesquisa, a partir da realidade que encontramos na comunidade em estudo.

O exemplo abaixo, extraído de um jornal diário da cidade em análise, explica a que nos referimos:

Votou não votando

E do C. V. [nome do candidato], primeiro o pessoal está notando que não abandonou a pronúncia à moda da roça, talvez para não esquecer as origens. Dizem que aquele “r” sozinho, quando a palavra exige dois, o “rr”, é terrível, como na palavra “recursos” que cansa de dizer que vai buscar em Brasília. E que não está conseguindo explicar aquele “não votei”, tendo votado no salário mínimo de R\$ 260,00 (Diário do Iguaçu, 03 de agosto de 2004).

A nota, acima reproduzida, foi retirada de uma coluna de jornal diário da cidade, no período das eleições municipais de 2004. Independente da questão partidária, ela nos serve como exemplo do quanto a produção linguística comum ao grupo pesquisado enfrenta resistência, publicamente expressa. A variante, por caracterizar os descendentes de italianos, vindos para a região na expectativa de comprar um pedaço de

terra, é comumente associada aos “colonos”, com a utilização do termo de forma pejorativa, assim como ocorre com a variante linguística. Ao analisar as “trocas simbólicas” na sociedade, Bourdieu (2001) alerta para as diferenças linguísticas entre o falar urbano e o rural:

Em todas as línguas há uma oposição entre a pronúncia do campo e a pronúncia das cidades, bem como entre a pronúncia das pessoas cultas e a das ignorantes. ... De fato, a diversidade do sistema lingüístico propriamente dito, os sistemas simbólicos que podemos denominar expressivos (utilizando a palavra com que Troubetskoy designa os procedimentos fonológicos que, “em uma comunidade lingüística servem para caracterizar um determinado grupo de sujeitos falante”) constituem sistemas hierarquizados que se constituem em torno de um termo fixo que pode ser as maneiras *distintas* do grupo de posição mais elevada ou então, as maneiras *comuns* do grupo de nível inferior (Bourdieu, 2001, p. 21-22).

No mesmo processo eleitoral de 2004, outras manifestações em relação à produção da variante apareceram. A que segue não faz nenhum juízo valorativo do modo como o faz a anterior, porém chama a atenção, ao segundo fenômeno de variação que queremos aqui analisar, a grafia de dois “erres” em contextos de um, que consideramos ser consequência de hipercorreção:

NO DEBATE, UMA DO V. [nome do candidato]

V., em uma de suas respostas sobre segurança pública. Na explanação afirmou que pretende combater a violência e assaltos na cidade com ação de transformação da guarda de trânsito em guarda municipal e fazer um “murro” - grifo meu [do colunista] de defesa dos chapeconenses contra os bandidos, unindo a guarda com a PM e a Polícia Civil. (Diário do Iguaçu, 02 de outubro de 2004).

A hipercorreção não é explicada, analisada ou discutida. Apenas o colunista indica um “grifo meu” em relação à produção. Ela própria também pode ser explicada pelas críticas que, à época, recebia o candidato em relação aos usos linguísticos, conforme indica, inclusive, a coluna anteriormente citada.

O fenômeno da hipercorreção é assim descrito pelo dicionário de linguística e fonética:

Termo usado em lingüística quando uma forma lingüística vai além do ponto estabelecido pela variante de língua que o falante tem como meta. O fenômeno geralmente acontece quando os falantes de um dialeto que não é o padrão tentam usar o dialeto padrão e “vão longe demais”, produzindo uma versão que não existe no padrão (Crystal, 2000, p. 138).

Em um dos questionários, um estudante produz o fenômeno em duas respostas. Ele afirma que “É uma comunidade muito boa, todo mundo se ajuda e bem legal *morrar*

na C.” (M. V.) Em outra resposta: “Eu vou continuar *morrando* na minha comunidade porque eu amo minha comunidade” (idem). Trata-se de um fragmento extraído de um texto escrito, mas reforça as questões aqui abordadas. Também temos registros de hipercorreção em produções orais do grupo, coletadas durante a etapa de campo da pesquisa em sala de aula. Como exemplo, podemos citar o diálogo entre três alunas que, em meio à aula, discutiam a organização de uma tarefa escolar:

- (E.) E quem vai trazer a *arranha* ?
- (D.) Que *arranha*?
- (J.) Eu trago.
- (E.) Tu *aruma*? É para amanhã.

Talvez pareça difícil de entender a tentativa de hipercorrigir, exatamente em um texto no qual o sujeito revela todo o apego à comunidade que descreve. Podemos, embora nos pareça cedo para afirmar, diante dos dados analisamos até o momento, dizer que se trata de uma forma de revelar o “potencial” da comunidade, diante do “potencial” do sujeito em produzir o que a variante de prestígio pede.

Conclusões

Ao analisar as interferências do italiano na fala em português dos descendentes residentes no interior de São Paulo (a partir das paródias de uma obra literária de Juó Bananére), Orlandi (2002) alerta para o seguinte fato: “A relação da língua como a ordem simbólica com a história tem sua visibilidade nos processos deiscursivos. O discurso é, assim, lugar singular para se compreenderem características da nacionalidade produzidas no simbólico” (p. 40).

Orlandi cita, ainda, E. Tin (1997), para quem há, no processo de inscrição do imigrante italiano no português brasileiro uma espécie de “gradação”. No primeiro estágio, o sujeito fala italiano com alguns traços do português, depois vai para a paródia, com algum domínio da língua nova. O passo seguinte é o da integração sem a perda das origens para, em seguida, o falar deixar ver apenas alguns leves traços da língua de origem. Esses traços podem se expressar em algumas expressões que permanecem, como “ma che!”, “porco cane!”. “O que diz aqui Tin, e com quem estou plenamente de acordo, é que identidade não se perde e, em certas situações, eu diria, migra, no caso, da língua para outros objetos simbólicos (por exemplo, a culinária), dando ao sujeito a possibilidade de reconhecer-se nesses sentidos” (p. 41).

Avaliamos que isso ocorre em relação ao grupo de adolescentes sujeitos deste estudo. Sendo jovens, vivendo em uma comunidade que tem como característica a preservação de manifestações culturais que preservam costumes e tradições da comunidade étnica em análise, eles não se sentem (pelo menos por enquanto) pressionados a mudarem a variante linguística que utilizam e que, de um modo geral,

reduz-se a uma das poucas que restam da língua dos antepassados, já que eles não falam os dialetos trazidos e cultivados pelas gerações passadas.

A preservação da característica dialetal se dá em contexto escolar, como nos casos aqui analisados, por se tratar, também, de um ambiente comunitário (considerando o fato de que o espaço físico da escola também foi, por muito tempo, o espaço das reuniões comunitárias). Deveria ser diferente? A escola deveria levar os alunos a acessarem a forma de prestígio, deixando para o contexto familiar a variante que, como vimos, é desprestigiada? São questões para as quais ainda não temos resposta.

Referências

- Bauman, Z. (2003) *Comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- Bauman, Z. (2005) *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bourdieu, P. (2001) *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva.
- Cortelazzo, M. (1997) Lo studio dei dialetti veneti in Brasile. En G. M. Zilio, *Preseza, cultura, lingua e tradizioni dei veneti nel mondo – parte I America Latina*. Venezia: Guinta Regionale Veneto.
- Frosi, V.; M., C. (1983) *Dialetos italianos: um perfil lingüístico dos ítalo-brasileiros do Nordeste do Rio Grande do Sul*. Caxias do Sul: Educs.
- Frosi, V. (1987) Interrelazioni fra il dialeto veneto e la lingua portoghese-brasiliana. In.: ZILIO, G. M. *Preseza, cultura, lingua e tradizioni dei veneti nel mondo – parte I America Latina*. Venezia: Guinta Regionale Veneto.
- Mey, J. (1998) Etnia, identidade e língua. Em I. Signorini, *Língua(gem) e identidade*. Campinas: Mercado de Letras.
- Orlandi, E. (2002) *Língua e conhecimento lingüístico: para uma história das idéias no Brasil*. São Paulo: Cortez.
- Penna, M. (1998) Relatos de migrantes: questionando as noções de perda de identidade e desenraizamento. Em I. Signorini, *Língua(gem) e identidade*. Campinas: Mercado de Letras.
- Rajagopalan, K. (1998) O conceito de identidade em lingüística: é chegada a hora para uma reconsideração radical? Em I. Signorini, *Língua(gem) e identidade*. Campinas: Mercado de Letras.
- Santos, R.; Piazza, M. de F. (1987) L'immigrazione italiana nello stato di Santa Catarina. En G. M Zilio, *Preseza, cultura, lingua e tradizioni dei veneti nel mondo – parte I America Latina*. Venezia: Guinta Regionale Veneto.
- Spessatto, M. B. (2003) *Linguagem e colonização*. Chapecó: Argos.

- Spessatto, M. B. (2006) *A língua de ontem, o dialeto de hoje: o que ficou dos dialetos italianos na fala em português da população de Guararapes- Xavantina*. Chapecó: Unochapecó (relatório de pesquisa financiada pelo FAPÉ/Unochapecó).
- Uyeno, E. (2004) Determinações identitárias no bilingüismo: a eterna promessa da língua materna. Em M. J. Coracini, *Identidade e discurso*. Campinas: Editora da Unicamp; Chapecó: Argos.

Datos de la autora

Marizete Bortolanza Spessatto. Universidade Comunitária da Região de Chapecó. Áreas de Ciências Humanas e Jurídicas. Curso de Letras. Avenida Senador Atílio Fontana, 591E. 89809-000. Chapecó-Santa Catarina, Brasil. Correo electrónico: spessatto.mari@gmail.com.

Fecha de recepción: 18/01/2011

Fecha de revisión: 20/01/2011

Fecha de aceptación: 21/01/2011